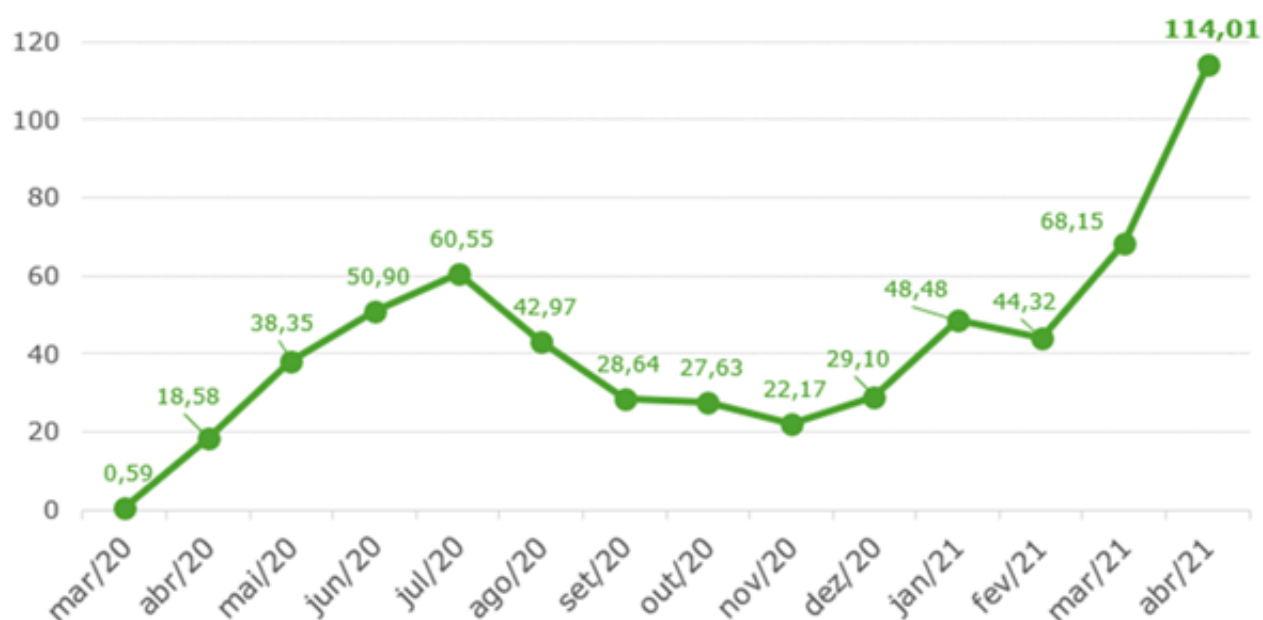


Estudo com 2 milhões de beneficiários mostra aumento no uso e no preço de remédios e até de aventais, máscaras e luvas; despesa com paciente na UTI já supera R\$ 100 mil

A pandemia de Covid-19 está pressionando fortemente os custos dos planos de saúde no país. É o que aponta estudo da FenaSaúde (Federação Nacional de Saúde Suplementar), com 2 milhões de beneficiários, que mostra um aumento significativo de usuários internados e a disparada de preços de medicamentos e de insumos usados nos tratamentos.

Em novembro de 2020, o estudo mostra que havia 22,17 pacientes com Covid para cada grupo de 100 mil beneficiários. Em janeiro de 2021, o índice chegou a 48,48 e, em abril, bateu a marca de 114,01.

Pacientes Covid por 100 mil beneficiários



Custo médio por paciente, por mês, em UTI



Com internações mais prolongadas e a disparada dos preços de insumos, o custo da internação de Covid em UTI também avançou. Em janeiro, o atendimento aos pacientes com a doença consumia, em média, R\$ 78,8 mil por pessoa internada, para as operadoras. Em abril, o custo saltou para R\$ 100,6 mil, o que corresponde a um aumento de 27%.

“Com a iminência da terceira onda dos casos da doença, fica claro que esses custos tendem a permanecer em patamar muito alto, o que continuará pressionando os custos da saúde, impactando diretamente nos preços dos planos de saúde”, explica a diretora executiva da FenaSaúde, Vera Valente.

Kit intubação e EPIs

O estudo mostra ainda que a Covid-19 puxou fortemente o consumo e os preços de medicamentos do kit intubação usado em pacientes com a doença.

Um dos exemplos é o anestésico Rocuronio, cuja utilização cresceu 2.914%, no comparativo entre os 12 meses de 2019 e os primeiros três meses de 2021. Além do aumento no uso, o preço também subiu, e muito: 216%. Com isso, o gasto médio mensal com o produto avançou 9.435%.

Comparação entre 2019 (jan a dez) e 2021 (jan a mar)

	Quant. média mensal	Preço médio unitário	Gasto médio mensal
Bloqueadores/anestésicos	2019 (jan/dez) a 2021 (jan/mar)	2019 (jan/dez) a 2021 (jan/mar)	2019 (jan/dez) a 2021 (jan/mar)
Cisatracurio	249%	200%	946%
Enoxaparina	255%	41%	400%
Fentanila	356%	412%	2.232%
Midazolam	762%	524%	5.275%
Polimixina B	314%	40%	478%
Propofol	345%	128%	913%
Rocurônio	2.914%	216%	9.435%

Outro vilão dos custos foi o sedativo Midazolam. A quantidade média comprada para atender a amostra cresceu 762%, entre a média mensal de 2019 e a média dos três primeiros meses de 2021. O preço unitário do medicamento saltou 542%, fazendo o gasto médio mensal para os planos disparar 5.275%.

Os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como máscaras, luvas e aventais, fundamentais para a segurança dos profissionais que atuam no tratamento dos pacientes com Covid-19, também tiveram seus preços elevados.

Comparação entre 2019 (jan a dez) e 2021 (jan a mar)

	Quant. média mensal	Preço médio unitário	Gasto médio mensal
Materiais / EPIs	2019 (jan/dez) a 2021 (jan/mar)	2019 (jan/dez) a 2021 (jan/mar)	2019 (jan/dez) a 2021 (jan/mar)
AGULHAS	124%	30%	191%
AVENTAIS	726%	595%	5.644%
MÁSCARA DESCARTÁVEL	654%	360%	3.370%
LUVAS	116%	540%	1.286%
SERINGAS	124%	71%	283%

O gasto médio mensal dos aventais aumentou 5.644%, entre a média mensal de 2019 e a dos três primeiros meses de 2021, bem como a quantidade média utilizada por mês, que saltou 726%. O mesmo ocorreu com as máscaras descartáveis, que, em comparação com a média mensal de 2019 e janeiro a março de 2021, apresentou 5.644% de aumento no gasto médio por mês e 654% na quantidade usada mensalmente.

“As operadoras fecharam o primeiro trimestre deste ano com o maior custo assistencial da história por causa do avanço da pandemia e a manutenção de procedimentos não urgentes em níveis muito altos. Foi a tempestade perfeita”, diz Vera Valente. “O cenário continua crítico. As internações por Covid têm sido mais prolongadas, especialmente em UTIs.”

É importante ressaltar que as operadoras gerenciam custos e repassam aos usuários apenas o necessário para manter a carteira dos planos em constante equilíbrio econômico-financeiro e atuarial. Em média, mais de 80% do que as empresas arrecadam são pagos a hospitais, laboratórios e profissionais de saúde para cobrir as despesas de atendimento ao beneficiário; perto de 15% são gastos administrativos e de comercialização; do que sobra ainda são descontados impostos e despesas operacionais.

“Não podemos nos esquecer que a qualidade dos serviços está diretamente ligada ao equilíbrio econômico-financeiro do setor. Isso precisa ser preservado para evitar a quebra de operadoras, o que acaba punindo os beneficiários”, detalha a diretora executiva da FenaSaúde.

Fonte: FenaSaúde, em 11.06.2021